# Nas masmorras do poder - 17/06/2017

Cada pessoa é um polo organizador e detentor de poder e lança seus poderosos  
tentáculos sobre os que estão dentro de seu raio de atuação e movimento. Não  
há ser que pensa que não detenha poder. Poder, se não é vida, é sobrevida, em  
último caso. Claramente há aqueles que podem ou não fazer uso do poder ou  
renunciar ao seu poder, mas ainda o fazem dentro de sua vigência de poder. E,  
obviamente, há aqueles que tiveram seu poder usurpado por poderosos mais  
fortes.  
  
Mas, não nos interessa tratar aqui de legitimidade, mas de metafísica ou quase  
antropologia, hermeneuticamente falando. Nesse sentido, uma consciência tem  
poder. E, não importam quais meios ela utilizará para que ele se efetive, para  
o poder o fim é a meta. Um poder sempre quer ser mais e sempre quer mais. Ele  
quer ser em si muito mais intenso pois essa é sua dinâmica. Ele quer ser nos  
outros muito mais, aumentar a sua área de influência e dominação.  
  
Ipsi litteris, um poder não é igual a um domínio, mas sempre a ele almeja. O  
domínio é um poder realizado, em plena atividade. O domínio é um poder  
descansado, acabado, formalmente falando. E o poder usa de um domínio para  
aumentar seu poder e criar novos domínios.  
  
Isso posto, constatamos que nos fazemos nas catacumbas do poder e a ele não  
podemos recusar. É preciso entender como os poderosos nos dominam, se nosso  
poder está em risco e como e onde utilizá-lo, da melhor forma. Para o poder, a  
melhor forma é mais. Por isso, não nos contentemos com menos.